

Sinestesia e diversidade sistêmica: modos de escuta da natureza viva

Synesthesia and Systemic Diversity: Modes of Listening to Living Nature

Maibe Marocco, Mestranda, Universidade de Brasília¹

maibemarocco@gmail.com

Breno Tenório de Abreu, Doutor, Universidade de Brasília²

abreubrenodesign@gmail.com

Daniel Mira de Carvalho³

danielmira@me.com

Número da sessão temática da submissão – [05]

Resumo

Este artigo investiga a sinestesia como linguagem ecológica capaz de revelar a diversidade sistêmica das expressões da natureza. Inspirado nas concepções fenomenológicas de Goethe e Rudolf Steiner, que compreendem cor e som como manifestações vivas da luz e da percepção, o estudo analisa como essas frequências vibracionais podem orientar processos criativos no design sensível e regenerativo. Fundamentada na cartografia sensível, a pesquisa utiliza o estudo Códigos Sonoros como campo experimental para traduzir correspondências entre frequências cromáticas (~THz) e sonoras (~Hz). As sete paletas desenvolvidas expressam relações entre matéria, energia e percepção, articulando arte, ciência e filosofia da natureza. Os resultados indicam que a escuta sinestésica amplia o campo perceptivo do design e favorece abordagens estéticas baseadas na coexistência, na reciprocidade e no respeito aos ritmos vitais da Terra.

Palavras-chave: Sinestesia; Goethe; Rudolf Steiner; Design Ecológico; Cartografia da Natureza.

Abstract

This article investigates synesthesia as an ecological language capable of revealing the systemic diversity of nature's expressions. Drawing on the phenomenological perspectives of Goethe and Rudolf Steiner, who understand color and sound as living manifestations of light and perception, the study examines how these vibrational frequencies can guide creative processes in sensitive and regenerative design. Grounded in sensitive cartography, the research adopts the Códigos Sonoros study as an

¹ Maibe Marocco, Mestranda, Universidade de Brasília

² Breno Tenório Ramalho de Abreu, Doutor, Universidade de Brasília

³ Daniel Mira de Carvalho, Doutor, Universidade de Brasília

experimental field to translate correspondences between chromatic (~THz) and sonic (~Hz) frequencies. The seven palettes developed express relationships between matter, energy, and perception, articulating art, science, and the philosophy of nature. The results indicate that synesthetic listening expands the perceptual scope of design and supports aesthetic approaches based on coexistence, reciprocity, and attunement with the Earth's vital rhythms.

Keywords: Synesthesia; Goethe; Rudolf Steiner; Ecological Design; Sensitive Cartography.

1. Introdução

O século XXI evidencia uma crise de percepção. A aceleração tecnológica, a hipervisibilidade e a fragmentação dos sentidos aprofundaram a distância entre corpo e ambiente, entre o humano e o tecido vivo da Terra. Nesse contexto, o design, historicamente associado à resolução de problemas formais e funcionais, é convocado a reencontrar sua dimensão sensível, ecológica e simbólica, em que ver, escutar e sentir se tornam gestos de pertencimento e cuidado.

Observada sob uma perspectiva sistêmica, a natureza revela-se como uma orquestra de frequências interdependentes. A vida na Terra mantém relação direta com a luz solar, e cor, som e forma vibram em ressonância com os organismos que dela se originam, compondo uma rede dinâmica que sustenta a diversidade da vida. Escutar a natureza implica uma dinâmica participativa de observação e contemplação, como modo de compreender sua linguagem energética e vibracional.

Esta pesquisa nasce desse gesto de escuta. Desenvolvida a partir da correspondência entre frequências cromáticas (~THz) e sonoras (~Hz), propõe uma cartografia sinestésica da natureza, traduzindo sensorialmente vibrações observadas em fenômenos naturais — vento, mar, folhas, trovões e respirações da terra — em paletas cromáticas que articulam ciência, arte e filosofia.

A sinestesia é compreendida não apenas como experiência perceptiva individual, mas como princípio ecológico da percepção, no qual o corpo reconhece sua continuidade com os fluxos vitais do planeta. Essa abordagem dialoga com Goethe (2012), para quem a cor emerge da relação entre luz e sombra, e com Rudolf Steiner (2008), que compreende som e cor como expressões de uma mesma força vital, além da fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) e das reflexões de Abram (1996) sobre a linguagem sensorial da Terra.

Com base nesse arcabouço, o artigo investiga a sinestesia como linguagem ecológica e epistemologia sensorial, capaz de traduzir a diversidade sistêmica da natureza em práticas de design sensível e regenerativo. O objetivo geral consiste em compreender a sinestesia como campo de reconexão entre matéria, energia e percepção, propondo-a como fundamento epistemológico do design ecológico. Os objetivos específicos são: (i) identificar fundamentos fenomenológicos e ecológicos da percepção sinestésica; (ii) aplicar a cartografia sensível para mapear frequências da natureza; e (iii) traduzir essas relações em paletas cromático-sonoras orientadas por princípios de diversidade, equilíbrio e regeneração.

A pesquisa organiza-se em quatro seções: Fundamentação Teórica; Metodologia; Resultados e Discussões; e Considerações Finais.

2. Fundamentação Teórica

2.1. A sinestesia como linguagem ecológica e princípio perceptivo

A percepção humana, quando observada em sua totalidade, configura-se como uma rede viva de interações entre sentidos, matéria e ambiente. A sinestesia, nesse contexto, é compreendida como linguagem ecológica da vida, um modo de perceber o mundo em continuidade com seus ritmos vibracionais. Em vez de fragmentar a experiência, propõe uma visão integrada, na qual ver, ouvir, tocar e sentir são expressões complementares de uma mesma pulsação vital.

Essa concepção encontra raízes em Johann Wolfgang von Goethe (2012), cuja Teoria das Cores inaugura uma abordagem fenomenológica e relacional do fenômeno cromático. Em contraste com a óptica laboratorial de Newton, Goethe propôs que a observação da cor deve permanecer no fenômeno, no ambiente em que acontece, reconhecendo as cores como emergências nas fronteiras entre luz e sombra, em diálogo entre o exterior luminoso e o interior sensível do observador. A cor é, assim, um acontecimento entre mundo e visão, e não uma propriedade estática da matéria. Seu método de observação, contemplação e reflexão antecipa uma epistemologia relacional do conhecimento, ao compreender que corpo e ambiente participam conjuntamente da experiência perceptiva. Rudolf Steiner (2008), inspirado em Goethe, amplia essa perspectiva ao propor uma ciência espiritual da cor e do som.

Esses princípios ressoam no pensamento de Maurice Merleau-Ponty (2011), para quem a percepção se constitui como entrelaçamento entre corpo e mundo — o “quiasma” em que o visível e o tangível se reconhecem mutuamente. Perceber, nessa perspectiva, é habitar o mundo com os sentidos abertos; a sinestesia, portanto, não é exceção, mas expressão ampliada do modo como o corpo se insere no ambiente.

De modo convergente, David Abram (1996) propõe o “reencantamento da percepção” ao afirmar que a linguagem emerge do diálogo sensorial com a Terra — o vento nas árvores, o som dos rios, o brilho dos minerais. Nesse horizonte, a sinestesia configura-se como retorno à escuta primordial e resgate do diálogo entre humano e mais-que-humano, no qual o design pode operar como mediador entre ecologias.

2.2. Diversidade sistêmica e ecologia dos sentidos

A partir dessa base fenomenológica e espiritual, emerge a compreensão de que a diversidade sistêmica constitui o próprio modo de ser da natureza. Cada organismo, som, cor e movimento participa de uma totalidade dinâmica em constante transformação, conforme a noção de autopoíesis proposta por Maturana e Varela (1995). Essa visão dialoga com o

pensamento de Fritjof Capra (2006), para quem a vida se manifesta como rede auto-organizadora de interações — uma ecologia complexa em que nada existe isoladamente.

Ao reconhecer o caráter interdependente dos fenômenos, a sinestesia revela-se como epistemologia da interconexão: uma maneira de perceber e traduzir o mundo por meio de correspondências vibracionais. Assim como as cores emergem da luz em relação à sombra, as expressões da vida surgem das tensões e harmonias entre seus múltiplos elementos — minerais, vegetais, animais, humanos e forças invisíveis.

Suely Rolnik (1989), ao propor a cartografia sentimental, amplia esse pensamento ao introduzir o corpo como ferramenta de pesquisa: “mapear é escutar”. Seu método, que inspira a presente pesquisa, convida à criação de mapas que não representam, mas expressam intensidades. A cartografia sensível, nesse sentido, configura-se como metodologia capaz de registrar o campo vibracional entre natureza e experiência humana.

A sinestesia, quando lida sob esse prisma, opera como uma ecologia dos sentidos — um campo de correspondências entre som, cor, textura e ritmo, no qual a percepção humana participa do metabolismo da Terra. Essa abordagem ecoa as reflexões de Félix Guattari (1990) sobre a ecosofia como integração entre as ecologias ambiental, social e mental, e se alinha à visão cosmológica de Ailton Krenak (2019), que afirma que “tudo o que existe está vivo”.

O design ecológico (ou ecosófico), nessa perspectiva, atua como mediador sensível, capaz de traduzir os princípios da diversidade sistêmica em formas, expressões e experiências. Em vez de projetar objetos inertes, o designer atua como compositor com a natureza, experienciando seus fenômenos e recompondo-os por meio do pensar, do sentir e das frequências do mundo vivo.

2.3. Síntese conceitual

Goethe	nos	ensina	que	a	cor	é	relação.
Steiner	nos	mostra	que	a	cor	é	vibração.
Merleau-Ponty	lembra	que	o	corpo	é	o	lugar do encontro entre ambos.
Rolnik	ensina		que		escutar	é	criar.

Krenak afirma que tudo pulsa a vida.

A sinestesia, assim compreendida, torna-se ponte entre ciência e espírito, entre o sentir e o ético, abrindo espaço para um novo paradigma do design: aquele que nasce da escuta da Terra e devolve à criação com ritmo, delicadeza e reciprocidade que sustentam a vida.

3. Metodologia

3.1. Abordagem geral

A metodologia adotada neste estudo está ancorada na cartografia ecosófica, compreendida como um método de investigação que integra percepção, imaginação e escuta.

Inspirada nos princípios da fenomenologia natural e nas proposições de Suely Rolnik (1989), essa abordagem parte da premissa de que conhecer é envolver-se — é deixar-se afetar pelos fenômenos para, então, traduzir essas afetações em registros, cores e formas.

A pesquisa assume, portanto, um caráter qualitativo, exploratório e transdisciplinar, situado entre arte, ciência e filosofia da natureza. O objetivo central da metodologia é mapear relações entre frequências cromáticas ($\sim$ THz) e sonoras ($\sim$ Hz) como expressões da diversidade sistêmica da natureza, revelando como tais correspondências podem informar processos criativos e pedagógicos no design sensível e ecológico.

Diferente de métodos analíticos convencionais, a cartografia sensível não busca mensurar a natureza, mas dialogar com ela. O foco recai sobre o processo de escuta e tradução das vibrações vitais — um movimento que transforma a observação em experiência e o dado em narrativa.

3.2. Estrutura metodológica

O método foi desenvolvido em quatro etapas principais, articuladas de forma orgânica e iterativa: observação fenomenológica, registro vibracional, tradução sinestésica e sistematização cromossômica.

a) Observação fenomenológica

Inspirada nos princípios de Goethe e Rudolf Steiner, esta etapa consistiu em exercícios de observação, contemplação e reflexão acerca dos fenômenos naturais — luzes, cores, sons, movimentos, variações atmosféricas e ressonâncias do ambiente. Goethe propõe a observação “sem violência”, um olhar que acompanha o fenômeno em sua transformação; Steiner complementa esse gesto com a ideia de que a percepção é um ato criativo, onde o observador participa do fenômeno e o manifesta interiormente. Essas duas perspectivas fundamentam a prática da escuta ecológica: o pesquisador se coloca como parte da paisagem, cultivando uma postura de presença. O que como prática metodológica exercita diretamente a diminuição dos modelos egosóficos e o aumento da percepção ecosófica.

b) Registro vibracional

A partir da observação direta, foram coletadas frequências sonoras naturais — como ventos, cantos de aves, sons aquáticos e vibrações minerais — e analisadas suas correspondências cromáticas dentro do espectro visível. As frequências eletromagnéticas ($\sim$ THz) foram transpostas para o campo sonoro ($\sim$ Hz) por meio de relações harmônicas, criando uma ponte perceptiva entre o audível e o visível. Essa transposição não tem caráter técnico de exatidão física, apesar de usar parametrizações matemáticas, preferimos adentrar o caráter poético-experimental, buscando revelar ressonâncias simbólicas e sensoriais entre os domínios da luz e do som.

c) Tradução sinestésica



Com base nesses registros, foi desenvolvido o conjunto experimental denominado *Códigos Sonoros* — um sistema de sete cores-sons que traduzem fenômenos naturais em paletas cromáticas vivas.

Cada cor-voz foi analisada segundo seis campos narrativos:

1. **Luminosidade** — intensidade e variação da luz observada;
2. **Cromatismo e Matéria** — qualidade pigmentária, textura e densidade da cor;
3. **Frequência Sonora** — ritmo e timbre correspondentes (~Hz);
4. **Expressão Natural** — paisagem, elemento ou fenômeno que originou a vibração;
5. **Cultura Sonora e Ancestralidade** — Representações simbólicas das cores e sons e seus atributos representativos nas culturas tradicionais leitoras da Natureza.
6. **Narrativa Final Integrada** — síntese sensorial e simbólica do campo de experiência.

Essas fichas narrativas compõem uma cartografia sinestésica, na qual o design atua como mediador entre a linguagem vibracional da natureza e sua expressão visual.

d) Sistematização cromossômica

Após o registro das sete cores-sons — *Sopro Marinho*, *Pulso Etéreo*, *Silêncio da Floresta*, *Fagulha da Terra*, *Aurora Regenerativa*, *Pulso Ancestral* e *Sopro do Invisível* —, foi elaborada uma tabela comparativa entre seus valores cromáticos e sonoros, bem como suas relações simbólicas e ecológicas. Essa sistematização foi essencial para construir um modelo metodológico replicável, capaz de ser aplicado em contextos educativos e criativos. Cada cor-som representa uma paisagem vibracional e reflete um aspecto da diversidade sistêmica da vida: movimento, respiração, fluxo, transformação, repouso, germinação e transcendência.

3.3. Fundamentos ético-poéticos

A metodologia se apoia na ideia de que todo processo de criação é também um processo de cuidado. Observar e escutar a natureza não é um ato de apropriação, mas de reciprocidade e ressonância; ou seja aquilo que está dentro de nós podemos perceber fora. Como ensina Ailton Krenak (2019), é preciso reaprender a “habitar o tempo da Terra”. O gesto cartográfico, nesse sentido, se torna um gesto ético: ao registrar as cores e sons do mundo, reconhece-se a presença do que é vivo e a interdependência que sustenta o existir.

A integração entre Goethe (1810), Steiner (1907), Merleau-Ponty (1945), Rolnik (1989) e Capra (2006) fundamenta uma metodologia que articula corpo, ambiente e imaginação, onde o pesquisador atua como intérprete e co autor dos fenômenos. A pesquisa se desdobra, assim, como um exercício de escuta expandida, uma forma de design que aprende com os sistemas vivos e traduz suas vibrações em experiências estéticas, educativas e regenerativas.

4. Resultados e Discussão

4.1. A tradução sinestésica como leitura da viva da natureza



Os resultados da pesquisa *Códigos Sonoros* revelam que a tradução entre frequências cromáticas e sonoras pode operar como um dispositivo de escuta relacional com a natureza. O exercício de converter vibrações do mundo — luzes, sons, densidades — em cores e narrativas sensoriais produziu não apenas uma paleta cromática, mas um mapa vibracional da diversidade sistêmica da vida.

Ao longo do processo, foram identificadas sete cores-sons, cada uma relacionada a uma paisagem natural e a um estado vibracional específico. As observações mostraram que tais frequências correspondem, simbolicamente, a dinâmicas ecológicas e corporais — respiração, pulsação, germinação, fluxo, silêncio, expansão e transformação.

4.2. As sete cores-sons da diversidade sistêmica



Figura 1: Paletas sinestésicas do estudo “Códigos Sonoros”.

1. Nome: Sopro Marinho

Frequência eletromagnética (cor): ~630 THz

Frequência sonora: ~5,7 Hz - ~182 Hz (F#3)

Tonalidade azul-esverdeada clara.

Representa o fluxo respiratório da Terra — o movimento das marés, o ritmo do vento e o sopro vital que conecta o céu e o oceano. Em termos sensoriais, traduz-se em leveza, transparência e expansão.

Biofilicamente, está associada à circulação e à troca: fenômenos de dissolução, evaporação e movimento contínuo.

2. Nome: Pulso Etéreo

Frequência eletromagnética (cor): ~750 THz

Frequência sonora: ~12 Hz - ~384 Hz (G4)

Tonalidade lilás clara, luminosa e aérea.

Corresponde às frequências alfa do cérebro humano e a sons sutis como o eco de sinos ou vibrações cristalinas. Representa o campo espiritual e meditativo da natureza, aquele que sustenta o equilíbrio invisível das formas.

É o tom da leveza e da transcendência, símbolo da harmonia entre o visível e o intangível.

3. Nome: Silêncio da Floresta

Frequência eletromagnética (cor): ~540 THz

Frequência sonora: ~4,9 Hz - ~196 Hz (G3)

Tonalidade verde musgo.

Remete à vibração infrassônica das árvores e das raízes, à comunicação subterrânea das florestas. É a cor do repouso e da escuta profunda.

Seu silêncio é ativo: um intervalo fértil onde o som da vida germina. Evoca os ciclos de regeneração, a umidade da terra e a estabilidade do ecossistema.

4. Nome: Fagulha da Terra

Frequência eletromagnética (cor): ~485 THz

Frequência sonora: ~4,4 Hz - ~247 Hz (B3)

Tonalidade marrom-terracota.

Traduz o calor e o pulso telúrico do planeta, o som grave da decomposição fértil e da transformação da matéria.

É o tom da ancestralidade, da resistência e da permanência. Representa a base vibracional de onde emergem todas as outras frequências, correspondendo ao ritmo do coração e ao som dos tambores primordiais.

5. Nome: Aurora Regenerativa

Frequência eletromagnética (cor): ~580 THz

Frequência sonora: ~5,3 Hz - ~176 Hz (F3)

Tonalidade amarelo-clara, solar e translúcida.

Expressa o nascimento da luz, o início do dia e os primeiros cantos das aves.

É símbolo de renovação, brotação e vitalidade.

Na escala vibracional, situa-se entre o repouso e a expansão — um campo intermediário que anuncia a regeneração dos ciclos.

6. Nome: Pulso Ancestral

Frequência eletromagnética (cor): ~510 THz

Frequência sonora: ~4,3 Hz - ~281 Hz (C#3 / D3)

Tonalidade marrom-argilosa, densa e estável.

Relaciona-se às frequências telúricas profundas e à vibração tectônica do planeta.

É a cor do corpo e da memória, do gesto artesanal e do barro sendo moldado.

Evoca o som grave e ritmado das danças ancestrais, traduzindo a solidez do chão e o vínculo entre matéria e espírito.

7. Nome: Sopro do Invisível



Frequência eletromagnética (cor): ~700 THz

Frequência sonora: ~6,4 Hz - ~258 Hz (C4)

Tonalidade violeta profunda.

É a cor das névoas e dos fenômenos sutis, das frequências de silêncio e contemplação.

Simboliza o espaço do não dito — a vibração que antecede a forma.

Representa o campo espiritual e cósmico da experiência sinestésica, onde o visível se dissolve no audível e ambos retornam à unidade vibracional.

4.3. Interpretação ecológica e fenomenológica dos resultados

Os sete tons revelam a natureza como sistema vibracional complexo, onde som e cor são expressões interdependentes de um mesmo campo de energia. A observação das frequências evidenciou que as variações cromáticas e sonoras seguem padrões rítmicos análogos aos das ondas naturais — marés, ventos, respiração, batimentos cardíacos e ciclos circadianos.

Esses achados confirmam a hipótese de que a sinestesia pode ser compreendida como linguagem ecológica, em que o corpo humano é um instrumento de tradução entre dimensões físicas e sutis da realidade. O experimento mostrou que cada cor-som possui um campo de ressonância capaz de provocar respostas perceptivas e emocionais específicas, transformando a experiência da cor em uma escuta composicional. Ou seja, cada atributo eletromagnético que ressoa em som e cor nos seres que refletem esse aspecto no planeta terra, tem em si a composição vibracional que compõem sua identidade.

No campo do design, essa abordagem amplia a compreensão da cor como fenômeno vivo. A cor deixa de ser um atributo formal e passa ser a “aisthesis” no sentido relacional da vida, a estética como ética aplicada a forma,, numa relação entre o humano, os outros seres do planeta e os fenômenos que regem a Vida. Ao traduzir vibrações da natureza em códigos cromáticos, o design assume o papel de mediador sensorial e de agente ecológico, participando da tessitura simbólica da vida.

Esses resultados dialogam diretamente com os princípios de Goethe e Steiner: a cor como acontecimento entre luz e sombra, espírito e matéria. No *Códigos Sonoros*, essa dualidade se manifesta em cada tonalidade, que carrega tanto uma dimensão física (frequência, pigmento, luz) quanto uma dimensão espiritual (emoção, ritmo, símbolo). Como defende Steiner, o ato criativo é também um ato ético — cada gesto de criação é um gesto de reconexão com o invisível.

4.4. Discussão: design como ecologia dos sentidos

Os resultados apontam para uma reconfiguração do design como ecologia dos sentidos. A sinestesia, ao restituir a unidade entre os modos de percepção, sugere um caminho metodológico e filosófico para práticas criativas mais integradas aos sistemas vivos.

Nessa perspectiva, o designer deixa de operar apenas como projetista e passa a atuar como um criativo unido a natureza, alguém que escuta frequências, percebe ritmos e traduz vibrações em matéria sensível. A criação torna-se um ato de escuta e reciprocidade, no qual o fazer humano participa dos ciclos regenerativos da Terra.

Em termos epistemológicos, o trabalho reafirma que o conhecimento sensível não é oposto ao científico, mas complementar a ele. A tradução vibracional proposta pelo *Códigos Sonoros* demonstra que é possível articular ciência, arte e espiritualidade em um mesmo campo de criação, sem hierarquias.

Assim, o design sinestésico e ecológico emerge como caminho regenerativo, uma prática que escuta o mundo antes de agir sobre ele. Ele não busca representar a natureza, mas vibrar com ela — aprender com seus ciclos, ritmos e silenciosas formas de sabedoria.

5. Considerações Finais

A pesquisa *Códigos Sonoros* demonstrou que a sinestesia pode ser compreendida como princípio ecológico e linguagem viva da natureza, capaz de revelar os vínculos sutis entre luz, som, matéria e consciência. Ao longo do estudo, tornou-se evidente que cada cor e cada frequência sonora expressam propriedades físicas e, ao mesmo tempo, estados vibracionais do mundo — modos pelos quais a Terra se comunica com quem sabe escutá-la.

A aproximação entre arte, ciência e filosofia proposta por Goethe (1810) e Rudolf Steiner (1907) sustentou o alicerce teórico que permitiu compreender a cor como fenômeno relacional e espiritual. A partir de Goethe (1810), emergiu a percepção da cor como acontecimento fenomenológico natural, projetado na polaridade entre luz e sombra; de Steiner (1907), a compreensão de que som e cor são forças formativas, expressões de um mesmo campo vital. Unindo essas visões à fenomenologia de Merleau-Ponty (1945), à cartografia sensível de Rolnik (1989) e ao pensamento sistêmico de Capra (2006) e Guattari (1990), foi possível delinear uma epistemologia sinestésica, na qual corpo, ambiente e espírito se reconhecem como partes de um mesmo organismo perceptivo.

O método desenvolvido — observação fenomenológica, registro vibracional, tradução sinestésica e sistematização cromossômica — evidenciou o potencial da cartografia ecológica como ferramenta educativa e criativa. Ele possibilitou o registro de sete paisagens vibracionais, cada uma representando um aspecto da diversidade sistêmica da vida. Tais paletas — *Sopro Marinho*, *Pulso Etéreo*, *Silêncio da Floresta*, *Fagulha da Terra*, *Aurora Regenerativa*, *Pulso da Terra* e *Sopro do Invisível* — compõem um repertório de frequências que traduzem, visual e sonoramente, as múltiplas linguagens da natureza.

Os resultados apontam que a sinestesia, quando entendida como epistemologia sensorial, amplia o horizonte do design contemporâneo. Ela desloca o foco do produto anímico para a relação, propondo um fazer que escuta antes de agir, que percebe o invisível e traduz o mundo como campo de interdependências. Esse olhar sensível transforma o design em uma ecologia dos sentidos, em que criação e relação se tornam inseparáveis.

Ao convidar o olhar a escutar e a cor a vibrar, o estudo propõe um novo paradigma perceptivo: um design que não busca representar a natureza, mas coexistir com ela. Um design que compreende a vida como sinfonia de frequências e reconhece, em cada gesto criativo, a oportunidade de regenerar vínculos, reencantar a percepção e devolver à Terra o sopro de atenção que dela recebemos.

Referências

- ABRAM, David. *A magia do sensível: percepção e linguagem em um mundo mais-que-humano*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Teoria das cores*. Tradução de Marco Giannotti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Campinas: Psy II, 1995.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- STEINER, Rudolf. *A ciência oculta em esboço*. 7. ed. São Paulo: Antroposófica, 2008.
- STEINER, Rudolf. *A natureza das cores*. São Paulo: Antroposófica, 2011.
- STEINER, Rudolf. *A arte da eurytmia: o movimento visível da palavra e da música*. São Paulo: Antroposófica, 2015.